

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redacção principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.779

Quinta-feira, 11 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Alameda, 114 e 116

A BATALHA publicará em breve uma série de artigos sobre assuntos coloniais, financeiros e políticos que causará assombro e sensação

A sociedade das nações

A 6.ª assembleia plenária da Sociedade das Nações está condecorada ao mesmo insucesso das anteriores. Os problemas postos, entre os quais avulta o do desarmamento, relacionado com o projecto da assistência mútua em caso de agressão, ficarão sem solução. Entre outras razões da ineficácia desta assembleia há a notar o facto da ausência de três das maiores nações do mundo: a Alemanha, a Rússia e os Estados Unidos.

A responsabilidade da impotência e da inutilidade da S. D. N. cabe unicamente aos aliados que, aproveitando-se do prestígio e da influência que lhes resultou de terem ganho a guerra impuseram a constituição do novo organismo tais condições que o tornaram de nascença defeituoso. Por outro lado, a sistemática oposição à entrada da Alemanha e da Rússia, não podia deixar de retardar um ligeiro entendimento entre todas as nações.

A Sociedade das Nações aparece, desde o seu início, com um carácter sectarista pronunciado. Não era, evidentemente, o melhor processo de trabalhar para a paz do mundo, estabelecer tão nitidamente a divisão entre vencedores e vencidos, ficando estes de fora da organização internacional e criando-se ainda outra causa de divisão, a da hostilidade à Rússia.

Além do tudo isto há a contar ainda que a S. D. N. não é uma federação de povos, mas, quando muito, um entendimento de governos. O que eles resolvem, nem sempre corresponde às aspirações dos povos, que pretendem representar, dentro das disposições políticas dominantes, como se os governos fossem uma legítima representação das populações, eles que não são mais do que elementos de oposição às suas livres e naturais aspirações.

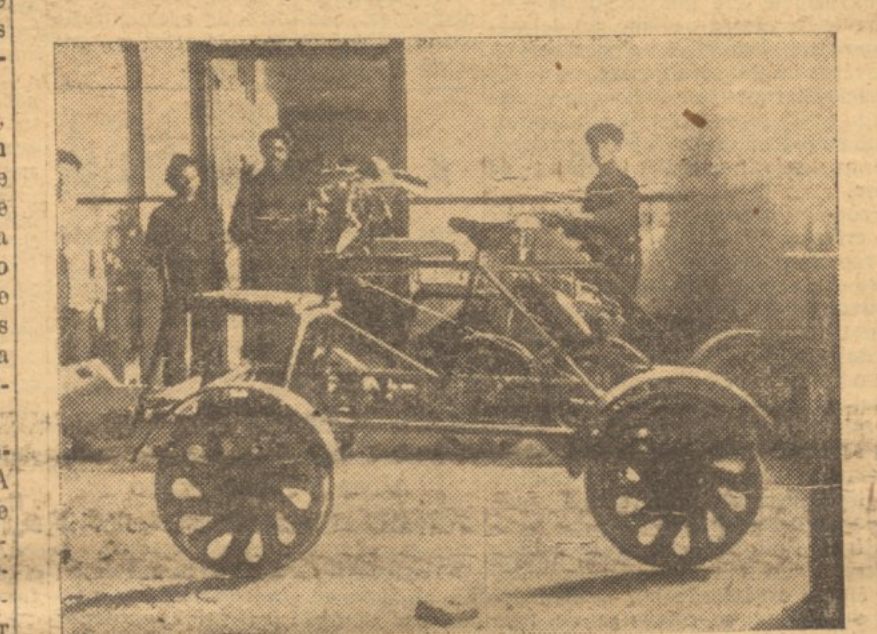
Nesta conferência sobre o projecto do tratado de assistência mútua, em caso de agressão já o sr. Mac Donald se pronunciou, registando-o, em nome da Inglaterra. Mussolini aceitou-o, mas com grandes reservas, o que fez por carta, pois receando o acolhimento que poderia ter na assembleia não se atrevia a aparecer pessoalmente.

Todos querem o desarmamento... dos outros, entendendo que cada nação tem de ter os seus elementos de defesa, enquanto não tiver a segurança por parte da uma forte organização militar internacional de que será defendida. Está-se a ver o que seria um

Os meios indispensáveis para o seu desenvolvimento

estão em poder do Estado, que os deve empregar, para que ao menos o povo tenha meios de comunicação ferroviária. — Em vez de salvar os seus Caminhos de Ferro, o Estado protege com o dinheiro do povo, os bancos e as empresas capitalistas e exploradoras. — Sem administração e sem direcção técnica, não há rede ferroviária que se mantenha organizada

Sem uma boa e rigorosa administração, apoiada numa direcção técnica que consiga equilibrar a situação presente, aproveitando todos os elementos que ainda possam ser utilizados, nada de prático se conseguirá nos Caminhos de Ferro do Estado. Para que isso se efective, é indispensável que a administração económica e financeira das redes ferroviárias do Estado seja exercida por



Moto-drazeira para serviço médico

quem possua as indispensáveis qualidades morais e de inteligência, reunidas a uma competência indiscutível, que a acção administrativa em tão importante serviço público, exige. Indispensável é também que a direcção dos serviços seja entregue a um engenheiro de reconhecida capacidade técnica, cuja acção se exerça em todos os sentidos, quer em relação à execução do serviço, quer em relação às condições de trabalho e estabilidade do pessoal.

Para que tanto da administração como da direcção técnicas, resultem visíveis vantagens no desenvolvimento dos Caminhos de Ferro, devem à frente das várias secções de serviço, serem colocados engenheiros que conheçam as especialidades que vão dirigir e que pela sua competência e correcta conduta, consigam conquistar a colaboração profissional do pessoal.

Por consequência, a primeira coisa a fazer para que a rede se salve o que existe no Sul e Sueste, é demitir imediatamente os indivíduos que estão à frente da Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, fazendo-os

so, o único remédio para tão grande mal, é substituí-los por outros seus colegas, que conheçam e tenham a necessária prática para exercer a direcção daqueles serviços.

Com os actuais dirigentes e administradores nada de útil e proveitoso se fará.

Posto em prática o primeiro acto que pode contribuir para fazer terminar o mal nos Caminhos de Ferro do Estado, deve seguir-se-lhe o mais importante, porque dele depende a solução completa do problema ferroviário em Portugal.

E' sabido e a Batalha disse-o, que é preciso renovar a via, em quasi toda a rede do Sul e Sueste. Que é indispensável elevar o número de locomotivas que actualmente existem e que é de 93, a mais 40% pelo menos, mas de forma que sejam todas utilizáveis. Que a percentagem dos vagões existentes tem de ser elevada também a uns 45%, que o material para passageiros deve da mesma forma ser elevado a mais uns 20%. Isto não falando nas necessidades futuras, que virão com a abertura de novas linhas, e que exigirão — segundo a já referida Comissão Técnica — que o efectivo do material de tracção circulante, seja elevado a 200 locomotivas, 3.000 vagões e 900 carruagens.

E' urgentíssima a conclusão das novas oficinas são indispensáveis as construções de edifícios para habitação do pessoal e renovação das estações. Há que garantir, com pagamentos integrais, os fornecimentos de carvão, óleos, etc., para que o serviço se mantenha regular. E além disto tem de se realizar uma série de modificações e trabalhos técnicos, indispensáveis, para garantir todos os serviços, incluindo n'elles a conclusão dos troços em construção.

Sem isto os Caminhos de Ferro do Estado continuarão arrastando uma vida de necessidades e de abandono e o público não poderá contar com uma rede ferroviária para o servir no Sul e Sueste.

Logo, as modificações apontadas impõem-se. Para as realizar porém, é preciso dinheiro e as receitas do Sul e Sueste são insuficientes para atender à despesa normal, porque o não desenvolvimento do seu tráfego as reduziu e tornou insuficientes.

O remédio eficaz que curará todo o mal de que os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste enfermam, está unicamente na verba que lhe deve ser atribuída e entregue pelo Estado. Sem que o Estado importe nos seus Caminhos de Ferro as importâncias que deve aplicar, por mais elevadas que sejam, nada o mesmo Estado poderá conseguir deles e muito menos o público, que continua sendo

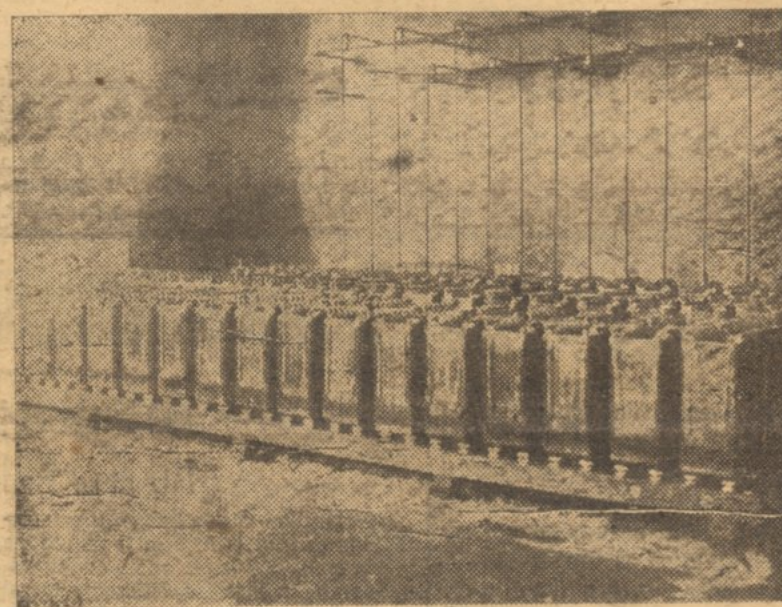
explorado miseravelmente com os constantes aumentos de tarifas que não são compensados ao menos por um serviço regular e decente. Aumentar apenas as tarifas, querendo ir buscar a esse aumento os 100 ou 150 mil contos que os Caminhos de Ferro carecem para o seu desenvolvimento, é rematada loucura só própria dos indivíduos que têm dirigido os referidos Caminhos de Ferro do Estado.

Esses aumentos que agravam a situação económica do povo, não conseguem tampouco garantir a situação do pessoal, porque são absorvidos pelo agravamento do custo da vida e do combustível e o seu efeito material reduz-se ainda consideravelmente, pelo retratamento do tráfego, que se faz sentir nas receitas.

Quando em face do problema ferroviário do Estado, os governantes optam pela alienação dos Caminhos de Ferro a uma empresa capitalista, devem ver

tal como eles se encontram, não dispensando um centavo nas aquisições de material fixo, circulante e de tracção, seria uma empresa falida dois meses depois, porque não tendo criado os meios precisos para que o tráfego se desenvolvesse, podia contar com o produto das receitas, que diminuiriam em vez de aumentarem.

Faça pois o Estado o mesmo que faria uma empresa particular. Empregue nos Caminhos de Ferro os milhares de contos de que eles têm absoluta necessidade para se desenvolverem e o público passará a ser bem servido. Há dinheiro para entregar aos bancos. O Estado tem como devedores os homens da alta finança e as grandes companhias exploradoras da actividade humana. Há dinheiro para sustentar um exército improdutivo e para sustentar a parasitagem capitalista que suga o sangue do proletariado. Só não há dinheiro para dotar os Caminhos de Ferro de Estado



Bateria de acumuladores da Central Electrica do Barreiro

que qualquer empresa ao tomar d'elles conta, tomarão por base o desenvolvimento que os nossos Caminhos de Ferro virão a ter e partindo do principio de que sem os dotar com os elementos indispensáveis eles não poderão dar compensação alguma, empregaria n'elles todas as somas necessárias para os modificar, vindo a encontrar dentro de pouco tempo o resultado útil do emprego desse capital. O contrário é que não poderia ser.

Uma empresa que quizesse explorar os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste com o que lhe é indispensável para servir o público.

E' final, o único remédio que pode salvar os nossos Caminhos de Ferro da falência é o Estado aplicar-lhe imediatamente o dinheiro de que eles precisam.

Vá o Estado buscar o dinheiro aos bancos que abusivamente o retêm em seu poder e resolva o problema dos seus Caminhos de Ferro que com isso compensa um pouco, o povo, das ignóbeis extorsões que lhe faz constantemente.

A SITUAÇÃO EM MARROCOS

Como previa no meu último artigo, Primo de Rivera não conseguiu modificar a situação das tropas espanholas no sector de Tetuão. Esta situação agravou-se depois da chegada do presidente do Directorio.

As últimas notícias confirmam a retirada das colunas dos generais Serrano e Riquelme, que operavam na região de Tetuão, outro tanto aconteceu com a coluna de Xauen.

Por ordem de Primo de Rivera a população civil abandona Tetuão; Xauen está completamente cercada pelos mouros. E' difícil prever qual será a sorte das três colunas que ora batem em retirada. São 43.000 homens, aniquilados pelas fadigas dos últimos combates, e pela malária que tem feito sentir seus terríveis efeitos.

Conseguirão estas colunas o seu objectivo?

E' fácil que sejam aniquiladas antes de chegarem a Ceuta e Melilla, o destino então assumiria proporções formidáveis.

Primo de Rivera, deorientado, perante situação tão critica, publica proclamações ao povo e ao exercito.

Nestas notas reconhece a superioridade dos mouros, mas aconselha aos soldados que façam boa pontaria e não deixem que os mouros lhes tomem as armas que serviram para combater os espanhóis.

Ameaça também com penas severissimas, as que se insubordinarem contra os seus chefes. Ele mesmo se contradiz quando afirma depois em nota oficial enviada a Madrid, que a retirada obedece a um plano estudado pelo directorio.

De Madrid comunicam a prisão de dois generais e o diário oficial publica em decreto ordenando que passe à reserva o general Groude há dias destituído do comando da praça de Tetuão.

A situação é pois gravissima.

A censura impede que se saiba o que acontece na Espanha. Sabe-se entretanto que os animos estão muito excitados com este novo desastre, que tantas vidas tem custado.

No dia 13 pensava Primo de Rivera, comemorar solenemente o aniversario do directorio e não julgava que no programa dos festejos figurasse um acto tão trágico.

E' facil que a desastrosa retirada das tropas espanholas, provoque a queda do directorio e com ella a ruina total da monarchia-espanhola, salvando esse infeliz povo das garras brutais do militarismo.

O momento é decisivo. Esperemos o desenrolar dos acontecimentos. Eles decidirão da sorte da Espanha.

Manuel PERES

Os mouros, ás portas de Tetuão — 6.000 homens em risco — A cidade Xauen totalmente cercada — Inúmeras perdas

LONDRES, 10. — Parece agravar-se a situação de Marrocos.

Noticias de Tanger dizem que as forças que operam na região de Tetuão é de

Se soubessem...

O general Primo de Rivera está disposto a que a população civil evacue a cidade de Tetuão.

Os últimos ataques mouros contra a esta cidade foram repellidos.

A cidade de Xauen encontra-se totalmente cercada.

As tropas espanholas tiveram nos últimos combates enormes perdas, cuja cifra exacta se desconhece por se não terem publicado todas as listas.

As tropas espanholas fogem... em boa ordem

TANGER, 10. — Os rifenhos repellido as forças espanholas em Sokerrab. Este posto entre Tetuão e Sheshwan estava guarnecido por pequenas forças de tropas do Raisu que não tendo feito a devida opposição aos rifenhos obrigaram a guarnição hespanhola a evacuar o posto, o que foi feito em boa ordem.

Rivera esgrime com a espada de papelão...

MADRID, 10. — O General Magaz recebeu um telegrama do general Primo de Rivera em que este dá detalhes sobre o plano de operações que tenciona levar a cabo em Marrocos e em que diz que o espirito das tropas é excelente.

Um comboio blindado atacado

Tetuão, 10. — Saíu desta cidade um comboio blindado composto de dez unidades e guarnecido por forças do regimento de Múrcia com metralhadoras na direcção de Zinat para abastecer aquela posição.

Quando os mouros viram o comboio blindado lançaram-se contra ele sendo repellidos com muitas baixas. Os generais que fazem parte do directorio, e que se encontram aqui visitam várias posições.

As esquadilhas voaram sobre várias posições, muitas não tendo sido atacadas e tendo conseguido fazer excelentes observações.

Se os leitores soubessem... Se soubessem o tenebroso accordo que originou a nomeação do novo alto commissário em Angola...

Se soubessem, se conhecessem os meandros da vida e da fortuna de Venâncio Guimarães, um dos conselheiros do novo alto commissário...

Se soubessem, se conhecessem alguns quadros ou algumas cenas dessas horroresas tragédias de escravatura, que ainda hoje se representam em Angola... Se soubessem, se pudessem avaliar o cinismo com que nos bastidores da alta politica e da alta finança se perpetrará a venda de Angola ao estrangeiro...

Se os leitores soubessem, se conhecessem os escuros, o que a imprensa burguesa não diz, da vida politica do sr. Francisco Rêgo Chaves novo alto commissário da República em Angola...

Se os leitores soubessem o que nós dentro em breve, logo que completemos a nossa documentação, tornaremos publico...

Ah, se os leitores soubessem...

O PASSEIO FLUVIAL

em beneficio de 'A Batalha'

Está despertando grande entusiasmo entre o proletariado o passeio fluvial em beneficio de 'A Batalha' que a cooperativa dos Catraes promove para o dia 28 do corrente.

Como já dissemos haverá uma paragem no Porto Brandão, estando preparados excelentes atractivos que deixarão gratas recordações em todos os que no passeio tomarem parte.

PAPÃO BOLXEVISTA

Dos cartazes de Sobral de Adria aos sóviets alentejanos. — Da moeda da C. G. T. ás consequências fatais do ensino do Esperanto. — Dos planos do Beato ás combinações com a Rússia. — Dos bolxevistas disfarçados em crianças de mama ao envio de emissários ao estrangeiro. — Das fantasias da 'Epoca' ás verdades de A BATALHA

vendendo a consciência aos bocados.

O desageitado jornalista da Epoca agarrado em ninharias, pequenas fases da vida associativa e do partido comunista meteu tudo no almofariz e retirou por fim, ao cabo de muito trabalho, um «complot» vermelho, pronto a derrubar num momento o regime capitalista.

Como ainda há quem esteja absolutamente convencido de que os sindicalistas e os comunistas são uns bicharocos ferozes que bebem o sangue ás crianças e devoram, em bárbaros festins postas de carne humana — vá de aterrorisar o pacifico católico que, todas as manhãs, do pantufas, lê a Epoca, convencido de que ella leva a casa a expressão da verdade — aquela verdade pura e divina que inspira os artigos nebulosos do «grande» jornalista Nemo.

Do almofariz do articulista católico, saiu uma conspiração que mais lembra uma salada russa do que um plano de Moscovia. Sindicalistas, comunistas, anarquistas, radicais e esperantistas, segundo o jocoso periodista, fazem por todo o país uma propaganda formidável, arrastando na sua senda intelectuais e manuais. E como indicio seguro de que a revolução tem o seu ambiente feito e dispõe duma força irresistivel, o jornalista

ta nota que appareceram afixados na Aldeia do Sobral d'Adiga uns cartazes subversivos...

O mais grave, porém, caros leitores, não é ainda a existência de armamento, de estreitas relações com espanhóis illustres disfarçados em marinheiros ou em crianças de mama — o mais grave é existir no Beato uma rapariga formosa de nome Adelina que ensina esperanto aos operários... O Esperanto — benza-nos Deus — é para o jornalista em questão, um idioma cujos vocabulos fortes e sonoros podem, num dado momento, quando todos menos o esperanto, explodir com estrondo e arremessar pelos ares igrejas e conventos, bancos e companhias! Cuidado com o esperanto, senhores conservadores! Cuidado!

Não se lembrou o pobre escrevinhador — isto aqui para nós — de que o Papa Bento XV abençoou uma associação esperantista internacional...

Mas não fica por aqui o nosso estimado colega; o nosso presadíssimo camarada católico. Gentil, amável, informa-nos de que o Alentejo está existindo na nossa mão. Até já lá existem sovietes de trabalhadores rurais...

O nosso homem descobre também que a campanha contra os mandões da Casa da Moeda não obedece a uma questão de mora

REATANDO A MARCHA

A ORGANIZAÇÃO GRAFICA

desperta e prepara-se para a luta

Conversando com o secretário geral

da Federação do Livro e do Jornal

Atrai a nossa atenção pela última convocação da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, que em reunião do seu conselho central irá tratar um plano de trabalhos cuja largueza de vistas nos surpreende, pois já há tempos que aquele organismo era presa duma estranha apatia, procuramos ouvir alguém que nos pudesse informar mais detalhadamente sobre as intenções que presidiam a realização dos ditos trabalhos.

Dirigindo-se à sede da Federação, na rua António Maria Cardoso, onde desparamos o seu secretário geral, que nesse momento, precisamente, coligia documentos respeitantes ao assunto que ali nos levava.

— Com que então os gráficos mechem-se?

— Suspensão ligeira no movimento da paleta entre mãos e repetindo a pergunta:

— Os gráficos mechem-se, ou melhor, devem começar agora a mecher-se. De resto não é sem tempo, porquanto os últimos anos têm sido dum estado de espírito lamentável e que não se justifica em classes com o passado de vitilidade que as mesmas demonstraram. No entanto o período agudo vai terminar e o proletariado da grafia voltará a ocupar o seu lugar nas fileiras da organização operária, e para a consecução d'esse trabalho é que estamos a organizar a série de conferências inter-sindicais gráficas, de que já alguma coisa tem vindo a lume.

— E essas conferências são realizadas no sentido de...

— O nosso interlocutor atalha rapidamente:

— No sentido de agitar toda a organização gráfica, fazendo-a despertar da profunda letargia em que tem jazido há já um par de anos. De resto, é ainda necessário remodelar um pouco a estrutura da nossa organização, dotando-a com algumas células orgânicas que lhe são necessárias; rectificar pontos de vista que perderam a actualidade com a evolução da luta de classes, etc.

— E quais são as características que...

lidade. E' que não digam a ninguém — a C. G. T. dispõe de grande fartura de notas falsas, razão porque se opõe à cunhagem de moedas. Escusamos de confirmar esta versão da Epoca. Ela é uma verdadeira que já pensamos até em premiar o ilustre reporter daquele jornal, pelo seu espírito de esportividade, com alguns magos de testes estampados do fresco...

Mas a base da grande e horrível revolução que está na forja não é bem a C. G. T., nem o partido comunista, nem os soviets do Alentejo, nem os cartazes na Aldeia do Sobral d'Adriça — é a Federação dos Sindicatos Revolucionários, instituição absolutamente nova, que todos desconheciam e que tem sede no Beato.

Outro trunfo do movimento revolucionário — já o diz o nosso colega conservador — é um ferroviário que todos os dias lê um exemplar atrasado da Terra y Libertad. Porque será que o homem só lê exemplares atrasados?... Mistério revolucionário...

Há ainda as ligações com famosos bolchevistas espanhóis, russos e alemães; as inevitáveis, as fatais, as imprescindíveis ordens de Moscú e o envio de emissários secretos, terríveis, tenebrosos, a Paris, Roma, Bruxelas, Londres e Madrid.

Não sabemos se toda esta trapaalhada atingiu o objectivo desejado: o aumento do tiragem o o susto do pacato burguês. Se atingiu — felicitamos o ilustre jornalista.

Porém, com o que a Epoca não contava; ao publicar todas estas invenções que nem as crianças enganam, é que a Batalha tem completo o seu dossier já bastante volumoso, acerca da acção dos jesuítas e dos reacçãoários em Portugal. Não contava a Epoca que a Batalha estivesse apta a revelar casos sensacionais e verdadeiros acerca de planos, reuniões e actos dos conservadores, dos reacçãoários. Esperávamos apenas uma boa oportunidade para lançar a campanha. Essa oportunidade surgiu. Amanhã a Batalha começará a responder à fantasia do movimento extremista com a verdade dos maneios jesuítas. Não saber os leitores que o perigo não é vermelho — é negro, negro como a sotaína dos padres.

Socialismo Libertário ou anarquismo

por Silva Mendes

Com o fim de angariar a quantia necessária para se custear as despesas com o julgamento de Manuel Ramos, recebemos do Grupo «Os Rebeldes» um exemplar, daquella preciosa obra sociológica, para ser lida e entregue a maior orelha.

Tem já o lance de 50\$00.

Quem dá mais.

Considerando que não só o pão como o vinho são necessários para a vida, inclusive o vestuário, sobem também diariamente duma maneira verdadeiramente assustadora.

Considerando que este estado de co-

llectual não posso ainda comunicar, pois que não os temos ainda elaborados, e além disso contamos também com outros que nos serão enviados pelos organismos gráficos ou pelos delegados.

No entanto deveis ter já delineado alguma coisa nesse sentido.

De facto temos e tencionamos levar às conferências estes, que pelo menos julgamos de maior vulto a criação dos sindicatos únicos de indústria sob a base de afinidade de trabalho, entre os indivíduos, os conselhos técnicos de indústria, os delegados efectivos de oficinas, novos métodos de acção, sobretudo no que respeita aos quadros dos jornais, a frente única do proletariado revolucionário, etc., tendo em atenção que a todos eles daremos um carácter, o mais sintético e ligeiro possível, de modo a tornar a discussão dos mesmos, exacta mas rápida. Observaremos a características especiais de cada localidade e de afinidade entre os seus componentes de maneira a conseguir um trabalho homogêneo.

De modo que contais realizar todo esse esforço, a fim de despertar os gráficos e dotar a nossa organização com novos elementos de luta, necessários a fazer vingar os desígnios da organização sindical.

A despedir-nos do camarada António Monteiro, diziamos-lhe ainda:

— Oxalá o vosso esforço seja compreendido e bem interpretado pelo proletariado gráfico. Retorquiu-nos:

— Temos essa convicção, porque de contrário serão os operários gráficos as maiores vítimas da luta tremenda que a burguesia tem travada contra nós, e para a qual nós somos simplesmente os mandatários da grande força constituída pela legião dos trabalhadores, e que sem o seu concurso directo e activo nada poderá realizar.

Al' saída da sede da Federação, de frontão-nos com Delim de Sousa Pinheiro, agregado ao secretariado para a realização dos trabalhos acima expostos, que, instado, nos prometeu em breve dizer também algo sobre o mesmo assunto, do qual, julgamos, depende no futuro toda a vitalidade da organização gráfica.

O Combóio n.º 6

e o maior dos êxitos teatrais - Hoje - Teatro Apolo - A seguir: Os Mineiros

Vida Sindical

Situação dos presos

Teatro Nacional

C. G. T.

Conselho Confederal

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Ultimas representações

COM

A SEVERA

Reunem ontem o conselho confederal, presidido Daniel Neto Batalha e secretário Alfredo Pinto e José Dias Lobo.

Ontem, este Secretariado teve uma demorada conferência com o Dr. Barbosa Viana, actual da P. S. E., sobre a situação do operário carpinteiro Luís dos Santos Oliveira, que há mais de 15 dias se encontra preso, sem razão justificável para tal.

O Dr. Barbosa Viana, que muito amavelmente recebeu a comissão, disse que não era intenção sua perseguir a classe trabalhadora, mas sim cumprir tão simplesmente a lei, e que sobre o preso em que lhe falamos não tinha ainda recebido o respectivo processo e que para tal o procurassem às 22 horas no governo civil, o que fizemos, sendo-nos dito pelo novo director da P. S. E., que já tinha em seu poder o referido processo e que hoje seria possível ser o dito operário restituído à liberdade.

QUARTA-FEIRA, 17

a farça

O Espelho dos Maridos

AS GREVES

Classe que reclama

Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos

Para conhecimento de todos os camaradas se comunica que a Comissão de Melhoramentos, acompanhada dos corpos gerentes desta associação de classe tem com dedicação tratado das reclamações de aumento de vencimentos e outras melhorias, esperando que elas tenham uma rápida solução.

Não deve, pois, existir motivo para desânimo, considerando prematuros e extemporâneos todos os boatos que nos últimos dias têm circulado.

NA CHINA

A GUERRA CIVIL

Um governador demitido

PEQUIM, 10. — Foi demitido o governador de Che-kiang. O general comandante das forças defendem Changai ordenou a constituição de uma polícia especial para restabelecer a ordem e proteger os bens dos estrangeiros ameaçados pelos rebeldes.

A cidade de Lin-Ho cercada

Uma proclamação

CHANGAI, 10. — A cidade de Lin-Ho encontra-se completamente cercada. O marechal Che-kiang declarou a guerra ao governo de Pekim marchando em direcção ao Sul e o ditador Wei-Pu-Pu desembarcou em Nankin a frente de seis mil homens para reforçar as tropas do governador militar de Kiang-Su.

Um exercito de vinte mil homens está às portas de Ching de que espera apoderar-se até amanhã objectivo destas tropas e Tchow.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Limoeiro. — Presos sociais. — Sobre a carta que nos enviaram somos a comunicar-lhe que esse auxilio já foi entregue na passada sexta-feira para o seu destino; informem-se porque já o devem ter recebido.

Litôgrafos e anexos. — Para um assunto urgente deve comparecer hoje na sede da C. G. T., às 21 horas, a comissão administrativa.

DESPORTOS

Um festival desportivo em Vila Franca

No campo de jogos do Grupo Operário Vilafrancense realizam-se hoje as festas anuais do Grupo Desportivo Empregados no Comércio quais constarão de corridas de bicicletas de Amboja a Vila Franca, corridas de 100 metros, saltos em altura, em comprimento e a vara, corrida negativa em bicicleta e um desafio de futebol contra um grupo do Atlético-Club Social da Pena. No intervalo do desafio haverá luta de tracção entre as duas equipas. A festa é abrandada por um grupo da Banda do Grémio Artístico Vilafrancense.

Na estação do Rossio devem comparecer às 12 horas os seguintes jogadores para seguirem pela Vila Franca: Cesário da Silva, António Martinho, João Marcelino Baptista, Alfredo Ferrão, António Monteiro de Almeida, Franklin Braga, Francisco de Campos, Artur Carlos Pereira, Alfredo dos Santos, António Coimbra, Edmundo Esteves, Arnaldo de Oliveira e Delim Fernandes.

nem hoje em assembleia geral, pelas 21 horas, para continuação da discussão dos trabalhos pendentes da última assembleia geral.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 20 horas, este organismo, pela 2.ª vez, para tratar da formação da caixa de auxilio na doença e vários casos pendentes da assembleia geral, devendo comparecer todos os componentes, para com a devida precisão se resolver tam magno assunto.

Calceteiros. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 e meia horas, para a comissão de melhoramentos apresentar os seus trabalhos e tratar da situação dos trabalhadores e dos guardas.

Medidores de cereais. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 21 horas.

Empregados Menores do Comércio e Indústria. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para tratar dos seguintes assuntos: Adesão à U. S. O., instrução, horário de trabalho e ainda outros assuntos de interesse para a classe.

S. U. Mobiliário. — Reúne hoje, pelas 21 e meia horas, a assembleia geral a fim de apreciar vários assuntos de interesse para o organismo.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Reúne na próxima terça-feira o conselho federal.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Secção Profissional dos Serventes. — A comissão administrativa reúne hoje, pelas 21 horas, para tratar do assunto que diz respeito ao camarada José Vicente.

Esta comissão convida a comparecer a esta reunião os secretários geral e administrativo do conselho técnico assim como dois delegados, um da comissão administrativa e outro da comissão Escolar da Secção de Palmas.

Pede-se também que o grupo dos pedreiros que trabalham nas obras do novo Manicócio um delegado a esta sessão.

Manufactureiros de Calçado. — Reú-

nte amanhã, pelas 15 horas, a assembleia geral a fim de tratar da greve dos capitães dos navios de pesca.

CONGRESSO MARÍTIMO

Sessão de propaganda no Seixal

Realiza-se hoje 11, pelas 19 horas, na sede da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra do Seixal, uma sessão de propaganda do próximo Congresso Marítimo, na qual farão uso da palavra os componentes da respectiva comissão organizadora.

Aquele sindicato faz convite a todos os marítimos, sindicados ou não, para assistirem a quella sessão.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 12 horas, a comissão administrativa do Núcleo para tratar de vários assuntos de interesse, pedindo-se a comparencia de todos os seus componentes.

FESTA ESCOLAR

No Centro Escolar Republicano de Santos e comemorando o 16.º aniversário da sua fundação realiza-se hoje, às 21 horas, uma sessão solene em que será feita a distribuição de prémios aos alunos.

Núcleo de Estudos da Associação dos Empregados de Escritório

Para discussão dos objectivos deste Núcleo e para apreciação do projecto de regulamento realiza-se, hoje, pelas 21 horas, uma reunião de todas as camaradas já inscritas. Dada a importância dos assuntos a tratar espera-se que ninguém falte.

Inscrição continua aberta para os sócios da Associação.

Eden Teatro

HOJE: A'S 9.34 DA NOITE

Ultimas representações

DE RRADEIRA SEMANA

A famosa e já popularissima revista

Sorte Grande

Uma noite de gargalhada com o GOMES, da Trindade, e o ALRELIO RIBEIRO, nos papéis de Lindíssimo bailados por ORIS LORANE e BILL BAILEY

Entusiasmo — Alegria — Concorrência

Ainda este mês: O BOLO REI

Mágica de Ernesto Rodrigues, Pella Bermudes, João Baptista e Henrique Roldão

Minas de São Domingos

Crônicas de viagem

Um princípio moral que não se devia deixar perder

SÃO DOMINGOS, 7. — Afinal o que mandei dizer na primeira crônica relativamente à Serra de São Domingos não está certo e carece de rectificação imediata. Notas mentais colhidas em conversas por assim dizer despreocupadas, ou informações incompletas dadas por pessoas bem intencionadas, mas desconhecidas dos factos e seus derrotares, engendraram uma informação errada que me apressa a esclarecer.

O assunto, de resto, é interessante e não tem pouca importância para o povo da Serra, que estão sendo esburgados de diretos de que se gozaram e que de novo, e muito justificadamente, pretendem gozar.

Falando aqui com várias pessoas a respeito da informação em referência, logo me objectaram que tal informação não estava de acordo com a verdade dos factos. Uma apresentação, outras com outros, mas que se completavam. De entre todas uma escolhi, cujo nome não vem para o caso, das que me pareciam menos interessadas por qualquer das correntes — creio haver três, distintas e uma só verdadeira... — para me informar com toda a imparcialidade.

— A questão é realmente mais complicada, tem mais nuances do que as que poderiam corresponder à informação simples e optimista, que eu enviava para a Batalha — diz-me o meu caro entrevistado.

— Então a Serra não foi slugada, em pequenas porções aos habitantes?

— Não senhor. A Serra era considerada um maninho onde os povos da margem esquerda do Guadiana iam buscar lenha. A Serra não tinha interferência alguma na mesma. E uns indivíduos de nome José Carrasco e António Romão principiaram por cultivar algumas porções de terreno, até ali inculto, como toda a Serra. Esse cultivo estendia-se cada vez mais e o povo principiava a desconfiar...

— Intervio, não?

— Ou porque alguém lhe dissesse ou por mera desconfiança, o certo é que principiava a afirmar que se aqueles indivíduos continuassem a cultivar livremente aqueles terrenos, ao cabo de 20 anos lhes poderiam chamar seus. Correndo aquela afirmação de boca em boca, de povoação em povoação, como um rastilho incendiário, dentro de pouco todos aqueles habitantes se retiraram, foram-se aos terrenos cultivados e destruíram os telhados das casas, as arvores, alijaram os povos e desappareceram aqueles que de terrenos se haviam apossado.

— E depois?

— Aquelles, os Carrasco e Romão, foram forçados a abandonar as terras e diz-se que morreram de paixão e de desespero.

— Mas, toda a Serra está cultivada...

— Sim, senhor, está.

— Quem a cultivou?

— Eu lhe respondo: o povo, depois de ter desapparecido aquelles dois, impoz o regime do «ano e vez», e principiava a cultivar toda a Serra.

— Mas, que é que se entende por «ano e vez»?

— «Ano e vez» é isto: cada um dos habitantes tem direito a cultivar a porção de terra que lhe cabe em «sortes» durante dois anos. Um ano cultiva trigo e no ano seguinte, cevada. Depois, tiradas as novas «sortes», cada habitante vai cultivar, não a mesma porção de terra, mas outra.

— E como procede o povo a essa distribuição?

— Todos os anos, na manhã de São João, ao nascer do sol — o que chegar depois já não tem direito... — reúnem-se os habitantes na Serra, nas partes correspondentes às respectivas freguesias, medem o terreno que cabe a cada uma delas — talvez por uma forma que eu acharia engraçada, mas que é simples e facilmente compreensível pelo povo: são, por exemplo, 10 habitantes os que estão reunidos para tirar as «sortes», medem o terreno que lhes cabe as passadas — tantos passos numa direcção, tantos passos em cruz.

Conhecido o número de passos quadrados que tem o terreno, fazem a divisão. São, por exemplo, 50 passos de comprimento? Ai é colocada uma acha de lenha com uma pedra em cima. São 50 de largura? Ai é colocado idêntico sinal, e assim sucessivamente para cada 1 dos habitantes sorteados. Deste modo é feita a distribuição e a lista chama o povo a assinatura da Serra, ao romper o sol na manhã de São João.

— Subsiste ainda esse costume é claro...

— Em parte. Desgraçadamente para os pobres, em parte...

— Explique-me lá isso...

— Com o tempo parece que parte do povo se foi desinteressando... Havia habitantes que tal vez por não poderem, ou mesmo por não quererem cultivar o terreno que lhes tocou, vendiam a «sorte» a qualquer vizinho, sem contudo lucrarem sem direito a «sorte» da manhã de São João do ano seguinte. Outros, porém, deixaram de cultivar a cevada e passaram a cultivar só trigo. Estes foram-se tornando o maior número e, assim constituindo maioria, faziam parte e sempre que o povo se reunia, há um tempo a esta parte, para fazer a distribuição das sortes estes opõem-se como o que há para distribuir é agora terra reduzida, muitos habitantes já não vão à Serra, descoraçoados, ou se lá vão e tomam «sortes», quasi acabam por abandonar e desta maneira aquelles que já estão opoem ficar senhores do terreno, vão vendendo as suas terras apressando, aumentando assim porções de terreno que lhes não pertencem.

— Afinal, disse moço, o antigo costume vai desaparecendo e parece, que de facto, o que era de todos, passa a ser de poucos — objectei ao meu amável entrevistado.

— Sem dúvida. Parece até que está em jogo uma demanda por causa da propriedade que abusivamente se cria na Serra — coisa que noutros tempos nunca existiu — e que dizem ter sido vendida por um tal sr. major Alberto aos dres. sr. Rangel Simão e Celso Gil — esse Gil brevemente que na respectiva Câmara tanto barafustou contra a immoralidade.

— E o povo que faz agora?

— O povo já antes de saber da venda de Vale do Corvo — nome daquela propriedade — esse vale, que como toda a Serra, é seu — foi-se lá e destruiu tudo, parecendo-me até que esse major que revelou alguns habitantes.

— Mas, pertencendo a Serra ao concelho, porque não interveio a respectiva Câmara?

— A Câmara, em tempos, quiz mesmo apoderar-se da Serra, mas o povo não consentiu. Ultimamente procurou intervir na distribuição da Serra...

— E não conseguiu?

— Não, porque interveio uma comissão que uma parte do povo nomeou.

— Em que sentido interveio?

— Eu lhe explico: a Câmara, ao intervir, pretendia fazer a distribuição, mas com a condição de por cada «sorte» colher um tributo. Essa comissão, em nome do povo, opoz-se-lhe, declarando que a Serra seria dividida sem encargo algum para os habitantes.

— Então...

— Então, essa comissão o que parece é que quiz fazer simplesmente um jogo eleitoral...

— Política, não, caso...

— Política, sim, senhor! Os componentes dessa comissão são todos do partido nacionalista e como quem estava na Câmara, quando esta quiz intervir, eram os democráticos, aquela opposição — o povo só o viu agora — todo o carácter duma acção política para os nacionalistas tomarem o município.

CRÔNICA DO PORTO

UMA SANTA AVARIADA...

O fervor pela «santa» Maria Adelaide. — A Igreja irrita-se por lhe fugirem para Arcozelo as esmolas dos «seus» santos

PORTO, 6. — As queixas mais amargas que a população tripeira tem feito é contra este inverno precoce que a obriga a mobilizar toda a sorte de agasalhos e de resguardos que impedem os filhos e de resguardos que impedem os filhos e de resguardos que impedem os filhos...

— Aqueles, os Carrasco e Romão, foram forçados a abandonar as terras e diz-se que morreram de paixão e de desespero.

— Mas, toda a Serra está cultivada...

— Sim, senhor, está.

— Quem a cultivou?

— Eu lhe respondo: o povo, depois de ter desapparecido aquelles dois, impoz o regime do «ano e vez», e principiava a cultivar toda a Serra.

— Mas, que é que se entende por «ano e vez»?

— «Ano e vez» é isto: cada um dos habitantes tem direito a cultivar a porção de terra que lhe cabe em «sortes» durante dois anos. Um ano cultiva trigo e no ano seguinte, cevada. Depois, tiradas as novas «sortes», cada habitante vai cultivar, não a mesma porção de terra, mas outra.

— E como procede o povo a essa distribuição?

— Todos os anos, na manhã de São João, ao nascer do sol — o que chegar depois já não tem direito... — reúnem-se os habitantes na Serra, nas partes correspondentes às respectivas freguesias, medem o terreno que cabe a cada uma delas — talvez por uma forma que eu acharia engraçada, mas que é simples e facilmente compreensível pelo povo: são, por exemplo, 10 habitantes os que estão reunidos para tirar as «sortes», medem o terreno que lhes cabe as passadas — tantos passos numa direcção, tantos passos em cruz.

Conhecido o número de passos quadrados que tem o terreno, fazem a divisão. São, por exemplo, 50 passos de comprimento? Ai é colocada uma acha de lenha com uma pedra em cima. São 50 de largura? Ai é colocado idêntico sinal, e assim sucessivamente para cada 1 dos habitantes sorteados. Deste modo é feita a distribuição e a lista chama o povo a assinatura da Serra, ao romper o sol na manhã de São João.

— Subsiste ainda esse costume é claro...

— Em parte. Desgraçadamente para os pobres, em parte...

— Explique-me lá isso...

— Com o tempo parece que parte do povo se foi desinteressando... Havia habitantes que tal vez por não poderem, ou mesmo por não quererem cultivar o terreno que lhes tocou, vendiam a «sorte» a qualquer vizinho, sem contudo lucrarem sem direito a «sorte» da manhã de São João do ano seguinte. Outros, porém, deixaram de cultivar a cevada e passaram a cultivar só trigo. Estes foram-se tornando o maior número e, assim constituindo maioria, faziam parte e sempre que o povo se reunia, há um tempo a esta parte, para fazer a distribuição das sortes estes opõem-se como o que há para distribuir é agora terra reduzida, muitos habitantes já não vão à Serra, descoraçoados, ou se lá vão e tomam «sortes», quasi acabam por abandonar e desta maneira aquelles que já estão opoem ficar senhores do terreno, vão vendendo as suas terras apressando, aumentando assim porções de terreno que lhes não pertencem.

— Afinal, disse moço, o antigo costume vai desaparecendo e parece, que de facto, o que era de todos, passa a ser de poucos — objectei ao meu amável entrevistado.

— Sem dúvida. Parece até que está em jogo uma demanda por causa da propriedade que abusivamente se cria na Serra — coisa que noutros tempos nunca existiu — e que dizem ter sido vendida por um tal sr. major Alberto aos dres. sr. Rangel Simão e Celso Gil — esse Gil brevemente que na respectiva Câmara tanto barafustou contra a immoralidade.

CRÔNICA DO PORTO

UMA SANTA AVARIADA...

O fervor pela «santa» Maria Adelaide. — A Igreja irrita-se por lhe fugirem para Arcozelo as esmolas dos «seus» santos

PORTO, 6. — As queixas mais amargas que a população tripeira tem feito é contra este inverno precoce que a obriga a mobilizar toda a sorte de agasalhos e de resguardos que impedem os filhos e de resguardos que impedem os filhos e de resguardos que impedem os filhos...

— Aqueles, os Carrasco e Romão, foram forçados a abandonar as terras e diz-se que morreram de paixão e de desespero.

— Mas, toda a Serra está cultivada...

— Sim, senhor, está.

— Quem a cultivou?

— Eu lhe respondo: o povo, depois de ter desapparecido aquelles dois, impoz o regime do «ano e vez», e principiava a cultivar toda a Serra.

— Mas, que é que se entende por «ano e vez»?

— «Ano e vez» é isto: cada um dos habitantes tem direito a cultivar a porção de terra que lhe cabe em «sortes» durante dois anos. Um ano cultiva trigo e no ano seguinte, cevada. Depois, tiradas as novas «sortes», cada habitante vai cultivar, não a mesma porção de terra, mas outra.

— E como procede o povo a essa distribuição?

— Todos os anos, na manhã de São João, ao nascer do sol — o que chegar depois já não tem direito... — reúnem-se os habitantes na Serra, nas partes correspondentes às respectivas freguesias, medem o terreno que cabe a cada uma delas — talvez por uma forma que eu acharia engraçada, mas que é simples e facilmente compreensível pelo povo: são, por exemplo, 10 habitantes os que estão reunidos para tirar as «sortes», medem o terreno que lhes cabe as passadas — tantos passos numa direcção, tantos passos em cruz.

Conhecido o número de passos quadrados que tem o terreno, fazem a divisão. São, por exemplo, 50 passos de comprimento? Ai é colocada uma acha de lenha com uma pedra em cima. São 50 de largura? Ai é colocado idêntico sinal, e assim sucessivamente para cada 1 dos habitantes sorteados. Deste modo é feita a distribuição e a lista chama o povo a assinatura da Serra, ao romper o sol na manhã de São João.

— Subsiste ainda esse costume é claro...

— Em parte. Desgraçadamente para os pobres, em parte...

— Explique-me lá isso...

— Com o tempo parece que parte do povo se foi desinteressando... Havia habitantes que tal vez por não poderem, ou mesmo por não quererem cultivar o terreno que lhes tocou, vendiam a «sorte» a qualquer vizinho, sem contudo lucrarem sem direito a «sorte» da manhã de São João do ano seguinte. Outros, porém, deixaram de cultivar a cevada e passaram a cultivar só trigo. Estes foram-se tornando o maior número e, assim constituindo maioria, faziam parte e sempre que o povo se reunia, há um tempo a esta parte, para fazer a distribuição das sortes estes opõem-se como o que há para distribuir é agora terra reduzida, muitos habitantes já não vão à Serra, descoraçoados, ou se lá vão e tomam «sortes», quasi acabam por abandonar e desta maneira aquelles que já estão opoem ficar senhores do terreno, vão vendendo as suas terras apressando, aumentando assim porções de terreno que lhes não pertencem.

— Afinal, disse moço, o antigo costume vai desaparecendo e parece, que de facto, o que era de todos, passa a ser de poucos — objectei ao meu amável entrevistado.

— Sem dúvida. Parece até que está em jogo uma demanda por causa da propriedade que abusivamente se cria na Serra — coisa que noutros tempos nunca existiu — e que dizem ter sido vendida por um tal sr. major Alberto aos dres. sr. Rangel Simão e Celso Gil — esse Gil brevemente que na respectiva Câmara tanto barafustou contra a immoralidade.

CRÔNICA DO PORTO

UMA SANTA AVARIADA...

O fervor pela «santa» Maria Adelaide. — A Igreja irrita-se por lhe fugirem para Arcozelo as esmolas dos «seus» santos

PORTO, 6. — As queixas mais amargas que a população tripeira tem feito é contra este inverno precoce que a obriga a mobilizar toda a sorte de agasalhos e de resguardos que impedem os filhos e de resguardos que impedem os filhos e de resguardos que impedem os filhos...

— Aqueles, os Carrasco e Romão, foram forçados a abandonar as terras e diz-se que morreram de paixão e de desespero.

— Mas, toda a Serra está cultivada...

— Sim, senhor, está.

— Quem a cultivou?

— Eu lhe respondo: o povo, depois de ter desapparecido aquelles dois, impoz o regime do «ano e vez», e principiava a cultivar toda a Serra.

— Mas, que é que se entende por «ano e vez»?

— «Ano e vez» é isto: cada um dos habitantes tem direito a cultivar a porção de terra que lhe cabe em «sortes» durante dois anos. Um ano cultiva trigo e no ano seguinte, cevada. Depois, tiradas as novas «sortes», cada habitante vai cultivar, não a mesma porção de terra, mas outra.

— E como procede o povo a essa distribuição?

— Todos os anos, na manhã de São João, ao nascer do sol — o que chegar depois já não tem direito... — reúnem-se os habitantes na Serra, nas partes correspondentes às respectivas freguesias, medem o terreno que cabe a cada uma delas — talvez por uma forma que eu acharia engraçada, mas que é simples e facilmente compreensível pelo povo: são, por exemplo, 10 habitantes os que estão reunidos para tirar as «sortes», medem o terreno que lhes cabe as passadas — tantos passos numa direcção, tantos passos em cruz.

Conhecido o número de passos quadrados que tem o terreno, fazem a divisão. São, por exemplo, 50 passos de comprimento? Ai é colocada uma acha de lenha com uma pedra em cima. São 50 de largura? Ai é colocado idêntico sinal, e assim sucessivamente para cada 1 dos habitantes sorteados. Deste modo é feita a distribuição e a lista chama o povo a assinatura da Serra, ao romper o sol na manhã de São João.

— Subsiste ainda esse costume é claro...

— Em parte. Desgraçadamente para os pobres, em parte...

— Explique-me lá isso...

— Com o tempo parece que parte do povo se foi desinteressando... Havia habitantes que tal vez por não poderem, ou mesmo por não quererem cultivar o terreno que lhes tocou, vendiam a «sorte» a qualquer vizinho, sem contudo lucrarem sem direito a «sorte» da manhã de São João do ano seguinte. Outros, porém, deixaram de cultivar a cevada e passaram a cultivar só trigo. Estes foram-se tornando o maior número e, assim constituindo maioria, faziam parte e sempre que o povo se reunia, há um tempo a esta parte, para fazer a distribuição das sortes estes opõem-se como o que há para distribuir é agora terra reduzida, muitos habitantes já não vão à Serra, descoraçoados, ou se lá vão e tomam «sortes», quasi acabam por abandonar e desta maneira aquelles que já estão opoem ficar senhores do terreno, vão vendendo as suas terras apressando, aumentando assim porções de terreno que lhes não pertencem.

— Afinal, disse moço, o antigo costume vai desaparecendo e parece, que de facto, o que era de todos, passa a ser de poucos — objectei ao meu amável entrevistado.

— Sem dúvida. Parece até que está em jogo uma demanda por causa da propriedade que abusivamente se cria na Serra — coisa que noutros tempos nunca existiu — e que dizem ter sido vendida por um tal sr. major Alberto aos dres. sr. Rangel Simão e Celso Gil — esse Gil brevemente que na respectiva Câmara tanto barafustou contra a immoralidade.

CRÔNICA DO PORTO

UMA SANTA AVARIADA...

O fervor pela «santa» Maria Adelaide. — A Igreja irrita-se por lhe fugirem para Arcozelo as esmolas dos «seus» santos

A BATALHA

POR ESSE MUNDO FORA

TEATROS & CINEMAS

Rbate a casa de Deus

PALMAS, 10. — Abateu a cúpula central da igreja de São Domingos, não havendo felizmente desastres pessoais a registar.

Os sovietes contra a Georgia

PARIS, 10. — A Legação da Georgia comunicou que se estavam travando sérios combates entre elementos populares Georgianos e as tropas dos sovietes nas vizinhanças de Tiflis.

Sumo Pontífice arenga aos estudantes

ROMA, 10. — O Sumo Pontífice recebeu em audiência uma comissão de membros da Universidade católica de Palermo aos quais fez uma alocução, exortando os jovens católicos e não se lançarem nas lutas políticas sem uma adequada preparação o que é causa de grandes erros.

Uma execução na Rússia

BERLIM, 10. — A agência russa Rosta anuncia que foram fuzilados em Tiflis 24 organizadores da recente organização da Georgia.

Revolução em Nicarágua

WASHINGTON, 10. — Rebentou um movimento revolucionário em Nicarágua. As tropas revolucionárias marcham sobre a capital Managua.

Lisboa na rua

Depois de operado no Banco do Hospital de São José recolhido à Sala de Observação, Tito de Sousa Xabregas, de 25 anos, marítimo, natural e morador em Albufeira, que no momento em que tentava desviar uma lança, que conduzia, de um vapor de carga de nacionalidade alemã que se encontra fido em frente de Albufeira, ficou com a mão direita enlaidada entre as duas embarcações, resultante ficar com quatro dedos esmagados.

Atropelamentos

No Banco do Hospital de São José reteram ontem corativo e recolheram depois a suas casas: Raul do Sacramento Gomes, de 24 anos, engenheiro, natural de Lisboa e residente na rua de São Paulo, 5, que no largo do Intendente foi atropelado por um automóvel, ficando ferido no rosto; José Holbeche, de 60 anos, proprietário natural de Lisboa e residente na rua Ferreira Borges que ao apressar-se de um eléctrico na praça do Restauradores deu uma queda ficando ferido na cabeça.

Quedas desastrosas

Recebeu corativo no banco do Hospital de São José, Alberto Henriques, policial civil n.º 1052, natural de Gões e residente na rua dos Cegos, 14, 2.º, que deu uma queda nas escadarias da rua do arco da Graça, ficando ferido na cabeça.

VIDA POLITICA

Comuna Neno Vasco — Refine hoje, pelas 21 horas, na Federação Comunal, a comissão administrativa desta Comuna, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, com os seus filiados, para estabelecerem da sede própria, deitando os filiados que o sabem, indicando uma «casa», comunicando por escrito à Federação, renda mensal em outras condições, dentro da respectiva área: Sacramento, Mercês, Martires e Encarnação.

Trabalhadores: Lede a Batalha

CONFERÊNCIAS

No Porto

Na sede da 2.ª secção do Sindicato Metalúrgico do Porto, realiza-se hoje, pelas 20,30 horas, a 3.ª de série de conferências que o Sindicato Metalúrgico resolveu promover.

Fatos e Vestidos

em todos os padrões e cores, por preços baratíssimos, ao alcance de todas as bolsas.

Depósitos de vendas a retalho

Em Lisboa-R. dos Panqueiros, 187, 2.º No Porto-R. Fernandes Tomas, 392-A. Pegam amostras a DONAS & C. Fabricantes de Lanifícios-Covilhã

Pedras para isqueiros

Legítima meta! Abuse não! A lei legitima e acreditada universalmente por ser a que faz melhor trabalho e que tem maior duração.

Dr. Pedro Vallina

Doenças do coração e pulmões e CLÍNICA GERAL

Comité de Propaganda Confederal de Coimbra

Previnem-se todos os Sindicatos, Federações, Confederações e camadas, que a partir de hoje tode a correspondência para este Comité deve ser enviada para: Laurentino Pinto, rua da Moeda n.º 46, 2.º, Coimbra.

A BATALHA

NA PROVINCIA NOS ARREDORES

Agenda de A BATALHA

Praia da Nazaré

A câmara municipal presta solícitamente auxílio ao futebolismo que ameaça absorver e inutilizar a mocidade, em vez de atender ao cumprimento dos seus deveres

Praia da Nazaré

PRAIA DA NAZARÉ, 9. — A mania insensata e mórbida do futebolismo nesta vila, está tomando um incremento verdadeiramente assustador.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A's 21, 15 — A Morgadinho de Vale Fiores.

